

TRANSCULTURALIDADE, TRANSFORMAÇÃO: A RELAÇÃO DOS FÃS E DOS ESTUDANTES COM A LITERATURA

Patrícia Trindade Nakagome*
Raquel Yukie Murakami**

RESUMO: O artigo propõe discutir as dificuldades do ensino de literatura na contemporaneidade a partir das possíveis contribuições que a cultura do fã é capaz de oferecer ao espaço escolar. A produção dos textos conhecidos como *fanfictions* envolve jovens entusiasmados com o exercício da leitura crítica e da escrita criativa, em contraposição à dificuldade de formação de leitores autônomos vivenciada pelos docentes. Trazemos à tona a figura do *beta-reader*, ou seja, do fã encarregado de comentar *fanfictions* antes de sua publicação, a fim de propor uma postura diferenciada do professor de literatura, em seu papel como leitor experiente.

Palavras-chave: Literatura, Educação, Fanfiction

ABSTRACT: This article aims at discussing the difficulties in literature teaching nowadays, taking into consideration possible contributions that fan culture can provide to the school scenario. The production of texts known as fanfictions involves young people excited with the practice of critical reading and creative writing, in contrast to the difficulty widely experienced by educators in forming autonomous readers. The discussion will focus on the beta-reader, i.e., the fan in charge of the fanfiction's commentary before its publication, in order to propose a different attitude from the literature teacher, in his/her function as an experienced reader.

Keywords: Literature, Education, Fanfiction

* É mestre e doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH/USP) patricia.nakagome@gmail.com

** Graduada em Arquitetura e Urbanismo (FAU/USP) e Letras (FFLCH/USP). Mestranda em Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH/USP) raquelmurakami@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Trans. O prefixo que indica algo “além de, para lá de, depois de” (HOUAISS, 2001) parece ser representativo de nosso tempo, o qual, se não pode ser definido com precisão, é, ao menos, entendido em relação à mudança, à radicalidade que impõe sobre o que lhe precedeu. Em meio a tantos prefixos que buscam definir a experiência contemporânea, comumente designada como Pós-modernidade e desdobrada, por exemplo, em Hipermodernidade (LIPOVETSKY, CHARLES, 2004), não seria difícil imaginá-la Transmodernidade. Afinal, tantos conceitos que parecem nomear os novos contornos de nossa realidade são marcados por esse aspecto de ruptura de limites: transdisciplinar, transexual, transculturalidade. A esse respeito, afirma Assis-Peterson:

O prefixo trans-, adicionado aos termos cultura (transculturalidade) e língua/glossia (transglossia), traduz um desejo de mostrar, além dos sentidos de movimento, trânsito, circulação, troca, o sentido de debordamento de fronteiras entre as línguas, entre palavras, entre expressões, entre culturas. Essas noções, segundo Cox e Assis-Peterson, aninham os sentidos de heterogeneidade, fluidez, inacabamento, fricções e historicidade da linguagem e das práticas sociais. Línguas e culturas são transportadas, transferidas, transformadas. Quer dizer, o núcleo duro da cultura é sempre transcultural e o núcleo duro da língua é sempre translógico. (ASSIS-PETERSON, 2008, p. 330)

O trans- que implica um novo olhar para fenômenos correntes (cultura e língua, por exemplo) é também, como podemos ver na própria citação, elemento constitutivo de termos fundamentais de nossa cultura: transporte, transferência, transformação. O prefixo parece ser adequado a dar contornos ao contemporâneo, no modo como ele mantém e amplia o que lhe é anterior. Nessa perspectiva, trans- é representativo do objeto central de nossa análise e do modo como dele nos aproximamos: o ensino de literatura, o qual será aqui discutido a partir de uma chave dupla: transculturalidade e transformação.

A educação, como se sabe, é necessariamente uma ação que se volta ao passado, afinal, como mostra Arendt (2003, p. 246), “a função da escola é ensinar às crianças como o mundo é, não instruí-las na arte de viver”. Os professores são, assim, guardiões de uma tradição, na qual se incluem as obras literárias. Os textos canônicos, por sua vez, são cada vez mais confrontados com uma realidade

dinâmica, que oferece aos jovens múltiplas possibilidades de acesso à cultura, às diversas culturas. Nesse sentido, discutiremos neste artigo a necessidade de pensar o compromisso educacional com o passado diante do complexo cenário atual. Isso não implica, por certo, numa renúncia ao enfrentamento do texto literário, mas sim na sua inserção verdadeira numa cultura que em muito extrapola os limites dos livros e das livrarias.

Em nossa análise, recorremos a um fenômeno bastante difundido na Internet, mas ainda pouco debatido no meio acadêmico: *fanfictions*. Como mostraremos a seguir, há uma cultura própria e bem organizada que se desenvolve ao redor dos textos escritos por fãs, os quais passam por um complexo sistema de valoração e de circulação. Assim, nossa proposta de trazer esse sistema cultural à cena para a reflexão sobre o ensino de literatura deve-se ao fato de considerarmos que há ali uma interessante e produtiva relação entre o novo e o tradicional, a criatividade e o cânone, que se desenvolve sob o olhar crítico do jovem.

Os fãs representam, a nosso ver, um exemplo do leitor conhecedor e autônomo que desejamos formar em nossas escolas. Desse modo, propomos aqui pensar possibilidades de trabalho com a literatura, dentro e fora da sala de aula, que levem em conta o aprendizado e o sistema trazido por esses jovens que, longe de nossos olhos, criam uma cultura com palavras, paixão e criatividade.

FANDOM E FANFICTION

As *fanfictions* ou *fanfics* são textos em geral narrativos escritos por fãs, baseados em seriados de televisão, filmes, livros, jogos, histórias em quadrinhos, desenhos animados etc. Estão ligadas essencialmente à atividade do *fandom*, ou seja, do grupo de fãs que se reúnem por meio de suportes de comunicação disponíveis no momento, em torno de um produto cultural pelo qual nutrem uma relação afetiva.

O interesse do meio acadêmico com relação ao *fandom* iniciou-se principalmente a partir da pesquisa de Henry Jenkins, com o livro *Textual Poachers* (1992), que analisa a dinâmica do *fandom* e, sobretudo, o olhar analítico do fã sobre a narrativa apreciada. Embora ainda haja especulações sobre o exato momento do surgimento do *fandom*, a cultura do fã no ocidente solidificou-se na década de 1960, com os seriados de televisão, em especial *Jornada nas Estrelas*.

Após a expansão e a popularização da Internet ao final da década de 90 e de novos instrumentos tecnológicos, os fãs encontraram o meio perfeito de comunicação e de compartilhamento de textos, de imagens e de vídeos. Em plataformas virtuais como blogs, fóruns, e redes sociais, reúnem-se com o único objetivo de conversar sobre o seu produto cultural preferido: analisam a narrativa, trocam ideias sobre as personagens, elaboram hipóteses interpretativas e, nesse contexto, criam novos materiais – entre os quais se encontram as *fanfictions*.

São nelas que os fãs são livres para manusear as personagens da narrativa fonte a bel prazer, unindo-as em relacionamentos amorosos, transferindo-as para universos paralelos, analisando seus sentimentos etc. Depois de concluídos, os textos são publicados em plataformas apropriadas para a leitura e a interação entre autores e leitores, que se realiza mediante comentários sobre os textos. O site Fanfiction.net, o mais popular suporte de armazenamento de *fanfics* na Internet, conta com mais de 5.300.000 *fanfics* em mais de 30 línguas¹.

A cultura que se forma em torno desse “fã-escritor” não pode ser descrita em sua totalidade devido à complexidade do assunto. Destacamos apenas alguns aspectos gerais que merecem atenção com o objetivo de pensarmos na maneira como o fã se relaciona com os textos dentro do *fandom*. A relação dos fãs com as narrativas adoradas está evidente no uso específico da palavra “cânone”, ou seja, a narrativa estabelecida como referência para todos os fãs. Em geral, o texto canônico é para o *fandom* a primeira versão da narrativa, concebida por seu autor. Um romance adaptado para o cinema, por exemplo, tem como cânone o livro, e não o filme. Ambos podem ser discutidos pelos fãs, mas, no estabelecimento de hipóteses interpretativas, os argumentos baseados no cânone possuem valor superior. O cânone, na visão dos fãs, não é o texto consagrado pela sociedade como cânone literário, e sim a narrativa de referência pela qual nutrem especial carinho. Os fãs revisitam o cânone quantas vezes precisarem a fim de extrair dele uma unidade de sentido. Em grupos virtuais, debatem quais interpretações são mais plausíveis por meio de argumentos e de citações, e, à medida que recebem novos materiais (como episódios inéditos ou a continuação do romance), reveem antigas leituras e estabelecem novas interpretações do texto canônico. Consequente, o texto fonte para os fãs está sempre em transformação,

¹ Contagem feita em 3 de julho de 2013. *Fanfics* da categoria “crossovers” não foram consideradas.

seja pelo acréscimo de seu autor, seja pelos diferentes sentidos que os fãs vão lhe atribuindo. É a partir desse meio que as *fanfics* são compostas.

Repensar a relação dos fãs com o texto canônico é também repensar de que forma o cânone literário é inserido na formação de nossos estudantes. O cânone dos fãs não é um texto sagrado estável, mas é debatido, consagrado e delimitado pelos próprios fãs. Todo o cânone é passível de discussão, desde que o fã apresente ao *fandom* provas fundamentadas por bons argumentos. Não é, de forma alguma, um texto perfeito. Conhecer todas as suas virtudes e defeitos, compreender como todas as partes podem ou não estar relacionadas, tornar a narrativa significativa para si mesmo: isso é o que o fã faz. Jenkins afirma, em uma entrevista para Matt Hills:

Fandom is not about Bourdieu's notion of holding art at a distance, it's not that high discourse at all; it's about having control and mastery over art by pulling it close and integrating it into your sense of self. And that is an aesthetic transformation, but it's not the way individuals talk about their relationship to high art. (JENKINS, 2006)²

A relação próxima com a narrativa e as personagens é central na motivação dos escritores de *fanfic*, que desejam abandonar a identidade passiva de receptor e intervir nas vidas de suas personagens favoritas. Os fãs possuem liberdade para compor textos baseados em detalhes da narrativa fonte, expandindo seu universo para diferentes formas de compreendê-lo. Um filme de aventura, por exemplo, não se detém em momentos nos quais as personagens refletem sobre si mesmas. Contudo, um fã é capaz de retirá-las do contexto do filme e escrever uma história focada na ponderação e na análise de seus sentimentos. Para isso, precisam revisitar a narrativa fonte, traçar todas as características das personagens utilizadas e atribuir-lhes novas e condizentes qualidades.

Embora se entenda que a arte exige distanciamento de seu observador, para que se possa contemplá-la de maneira objetiva, o fã possui tanto a habilidade de analisá-la objetivamente quanto a paixão pelas personagens. A ligação afetiva

² *Fandom* não tem a ver com a noção de Bourdieu de considerar a arte à distância, não é de maneira alguma aquele discurso erudito; tem a ver com deter controle e perícia sobre a arte, puxando-a e integrando-a à sua percepção de si. E isso é uma transformação estética, mas não do modo como os indivíduos falam de sua relação com a arte erudita. (tradução nossa)

com a narrativa encoraja-o a descobrir mais sobre ela e a experimentá-la mais. Expandir a experiência da recepção para a produção permite ao fã desenvolver-se como autor, motivado pelo intenso envolvimento emocional com a narrativa fonte.

O BETA-READER E A LEITURA DE FANFICTIONS

Os *beta-readers*, que são o foco deste artigo, são fãs que realizam uma leitura prévia da *fanfic* antes de sua publicação com o objetivo de eliminar quaisquer problemas que venham a provocar críticas negativas dos leitores. Sua função é semelhante à de um revisor de textos, com a diferença de que esse leitor é especializado e pode decidir quais tipos de *fanfics* podem ser revisadas (ou “betadas”), de acordo com seu repertório cultural e gostos. Segundo Coppa (2006, p. 43), o termo beta-reader tem a sua origem com a passagem dos antigos fãs para o ambiente virtual. Karpovich (2006, p. 174), descreve o beta-reader no ensaio “The Audience as Editor”: “A beta reader will read the story as a draft and will offer feedback and suggestions for improvement on all aspects of the story, from narrative structure and characterization to grammar and spelling.”³

Alguns suportes de hospedagem de *fanfics* possuem uma estrutura ideal para que escritores novatos procurem o *beta-reader* que melhor se encaixe às suas necessidades. O Fanfiction.net, por exemplo, possui uma seção separada com a listagem de todos os *beta-readers* registrados, organizados pela macrodivisão dos *fandoms* (anime/manga, livros, desenhos animados, jogos, filmes, musicais, seriados de televisão e miscelânea) ou por cada *fandom*. Durante o cadastro, o *beta-reader* preenche um formulário visível para todos os usuários do site, que consiste em uma parte escrita, na qual são informados: sua biografia (ou autodescrição), seus pontos fortes e fracos como *beta-reader*, com quais textos trabalha e com quais textos não deseja trabalhar; e em uma parte de múltipla escolha, onde constam a faixa etária do público-alvo da *fanfic* betada, as línguas

³ Um beta-reader lerá o rascunho da história e oferecerá feedback e sugestões para seu aperfeiçoamento em todos os aspectos, de estrutura narrativa e caracterização a gramática e ortografia. (tradução nossa)

dominadas pelo *beta-reader* e *fandoms* e categorias⁴ de *fanfics* com os quais ele trabalha.

Tomemos o perfil de um *beta-reader* desse site como exemplo. Florilicious descreve sua atuação como *beta-reader* da seguinte forma:

Eu costumo a ajudar (sic) o autor em tudo que for possível, dando sugestões e indicando pontos negativos e positivos, atentando a gramática, ortografia, pontuação, plot e que mais for necessário. Como já escrevi no meu profile, sou perfeccionista e tenho tendência a ser detalhista (quase sempre), mas não chego a ser uma chatonilda. Ah, também adoro neologismos. Ficar inventando palavras novas, ainda mais que no mundo mágico é permitido (sic). E por fim, só beto fics do universo Harry Potter. (FLORILICIOUS BETA READER, 2013)

Para Florilicious, seu trabalho envolve não apenas a adequação do texto às normas gramaticais; há a análise e comentário da *fanfic* em questão. Ela acrescenta o fato de que só trabalha com *fanfics* de Harry Potter, pois, ao descrever seus pontos fortes, diz: “Sou mais atenta a gramática, ortografia e caracterização convincente dos personagens (mesmo que sejam OOC⁵, devem ter alguma lógica).” A caracterização das personagens de uma *fanfic* é também um dos aspectos observados na “betagem”, o que exige da *beta-reader* conhecimento prévio e profundo acerca da narrativa do livro *Harry Potter*.

Tal grau de especialização do *beta-reader* deve-se ao fato de que os leitores de *fanfics* não estão apenas atentos à adequação da linguagem e às normas gramaticais, mas também à forma como a narrativa é construída. Para os fãs, os menores detalhes são preciosas informações que sustentam suas leituras. Descrições espaciais, vestimentas, costumes e diálogos são referências importantes para escritores de *fanfics* reconstruírem o universo das personagens. A percepção desse processo e a forma como diferentes elementos são combinados na construção do sentido da *fanfic* são possíveis para um leitor especializado no texto fonte. A consciência do processo de construção de um texto, tendo como objetivo

⁴ O Fanfiction.net possui quinze categorias de *fanfics* que indicam o conteúdo da narrativa e que se assemelham à classificação de filmes: romance, comédia, aventura, suspense, drama etc.

⁵ OOC é uma abreviatura para “out of character”, termo usado quando a personagem do texto fonte não está bem caracterizada.

um determinado efeito no leitor, leva os escritores de *fanfic* a um exercício intenso com a linguagem, motivando o uso criativo da palavra.

Um bom exemplo de leitor que se deseja formar na escola está presente na *fanfic* de Harry Potter “Namorada, Amiga”, escrita por Anita. Nela, a personagem Harry Potter faz uma retrospectiva de seu relacionamento amoroso com Ginny Weasley. O leitor só se dá conta de que o texto é sobre a dor do rompimento desse relacionamento na parte final da *fanfic*. A fã conhecida pelo apelido Hazelster faz o seguinte comentário, junto à publicação:

Quando comecei a ler a fic, nem imaginava que o título tinha um spoiler⁶ escondido. Está lá, na ordem: primeiro namorada, mais tarde amiga. E o interessante é que conforme fui lendo, fiquei imaginando o que ia acontecer, e podia jurar que era o dia do casamento deles ou alguma outra data importante. Aí descobri que eles tinham se separado e que aquele era o dia em que o Harry ia contar isso ao Ron. Muito bom! Achei ótima sua decisão de não dar maiores explicações para o fim do namoro. No fundo, não precisava de explicações mesmo. Namoros acabam o tempo todo. É a vida. (NAMORADA..., 2013)

Nesse relato, a ressignificação do título “Namorada, Amiga” demonstra consciência de que o sentido é algo construído durante a leitura e capacidade de determinar quais elementos são ou não necessários para alcançar o efeito desejado no leitor. O *beta-reader* é, em teoria, um leitor preparado para sugerir mudanças em *fanfics* que passem pelo filtro de qualidade de leitores como Hazelster. Seu trabalho é garantir que o autor não receba críticas que possam ser constrangedoras, pois os comentários dos leitores ficam à vista do público. É importante lembrar que, no *fandom*, muitos fãs buscam status dentro do grupo social, de forma que escritores iniciantes se sentem intimidados. Eles não conhecem os outros fãs, ainda não possuem um círculo fixo de amigos e não conhecem as *fanfics* a fundo. Ademais, estão conscientes de que o *fandom* possui membros agressivos, que não toleram iniciantes.

A existência do *beta-reader* no *fandom* é necessária porque escritores e leitores de *fanfics* aprimoram-se a ponto de deixar pouco espaço para os principiantes. A qualidade das *fanfics* é um fator para o reconhecimento social de

⁶ Revelação de um fato que irá acontecer futuramente na narrativa.

seu autor, o que é, para grande parte dos adolescentes escritores de *fanfics*, de suma importância. O *beta-reader* é um intermediário; cumpre um papel mais importante do que fornecer uma revisão: possibilita que o escritor de *fanfics* principiante adquira experiência e age como um medidor de qualidade dos textos. Com o tempo e a prática, o autor adquire autonomia e deixa de pedir auxílio ao *beta-reader*. A partir desse momento, esse escritor passa a ter confiança sobre sua redação, pois adquiriu olhar crítico sobre o seu meio literário e instrumentos para agir sobre o mesmo. Por sua importante função, o *beta-reader*, como propomos a seguir, pode ser um referencial importante de leitor a ser buscado até mesmo dentro do ambiente escolar.

O FÃ COMO UM REFERENCIAL PARA A ESCOLA

É bastante conhecida a experiência do sociólogo François Dubet, que busca compreender, de fato e na pele, o que é ser professor. A dificuldade enfrentada por um ano em uma escola de periferia francesa foi o ponto de partida para reflexões verdadeiras e contundentes sobre o complexo cenário educacional, que podem ser estendidas ao cenário brasileiro. O pesquisador indica a necessidade de conciliar as experiências de professores adultos e estudantes adolescentes, sem que isso signifique transformar a escola em um “clube juvenil” (1997, p. 229):

Até um certo ponto, é preciso que o colégio aceite que haja uma vida adolescente na escola e que não a considere como desvio. É preciso dar um quadro a esta vida adolescente, é preciso que os alunos façam outras coisas que não seja assistir às aulas no colégio, mas eles devem fazê-lo num quadro normativo, com regras que os eduquem (DUBET, 1997, p. 228)

A proposta de trabalho que discutimos neste artigo dialoga com a cultura jovem, recorrendo ao que é parte da realidade de muitos adolescentes, de modo a mediá-la para um uso significativo dentro da escola. Nesse sentido, nos aliamos ao que se mostra como tendência nas pesquisas recentes sobre o ensino de literatura⁷, buscando diferenciar-nos pelo modo como não apenas recorreremos à

⁷ Dalvi e Rezende, em artigo que visa a sintetizar as pesquisas na área de ensino de literatura durante uma década (2001-2010), identificam “uma mudança de rumo em relação ao ensino

voz do aluno para a interpretação de um texto, mas também trazemos para a sala de aula o seu modo de se relacionar com diversos objetos culturais. Aliado a isso, buscamos valorizar o papel do professor como leitor, não como mero reproduzidor de conteúdos a serem ministrados.

Embora seja comum pensar a necessidade de trabalhar a cultura contemporânea em sala de aula, pode haver alguns entraves a isso. Cereja (2004), em sua pesquisa, por exemplo, aponta que apesar de professores afirmarem estabelecer relações entre a literatura e o contexto atual dos alunos, estes nem sempre reconhecem que isso se efetiva em sala de aula:

Todas as professoras afirmam estabelecer relações entre os textos literários e sua situação de produção, bem como relações entre os textos estudados e o mundo contemporâneo. Esses dados não são inteiramente confirmados pelo conjunto das respostas dos alunos. Parte deles resente a falta de contextualização histórica dos textos lidos e de relações mais constantes entre a literatura e a cultura contemporânea. (CEREJA, 2004, p. 56)

Talvez a situação descrita ocorra por haver um distanciamento entre discurso e prática ou por um descompasso entre o que professores e alunos reconhecem como contemporâneo, o que pode ocorrer, por exemplo, em relação às *fanfictions*.

Comumente critica-se o modo como a abordagem da literatura está calcada em livros didáticos, com pouca leitura de obras integrais e com o uso de textos que servem de pretexto para atividades diversas de língua portuguesa⁸. Professores vão à sala de aula para falar de obras que pouco fazem parte do seu próprio repertório de leitura⁹, o que os distancia ainda mais dos estudantes, os quais, por sua vez, têm pouco contato com a dita literatura canônica fora dos

de literatura, no passado tido como um estudo por excelência do texto levado a cabo por especialistas, cuja visão evidentemente era a que deveria ser reproduzida pelos alunos.” (2011, p. 56)

⁸ Lembramos aqui do texto bastante difundido de Lajolo (1985). Embora o artigo tenha sido escrito há algumas décadas, ele permanece bastante atual, apenas com a atualização em relação aos novos usos encontrados para o texto literário.

⁹ Em sua pesquisa, Oliveira mostra como os professores por ela analisados restringem suas leituras a *best-sellers*, mas, apesar disso, não reconhecem como seu próprio hábito de leitura está relacionado ao dos estudantes por eles criticados: “Ou seja, de modo geral, os docentes tendem a não enxergar no estudante os alunos que eles mesmos foram.” (2008, p. 178)

muros escolares. Em oposição a esse cenário problemático de leitura, as *fanfictions* e seu universo podem nos trazer grandes contribuições, pois seu desenvolvimento está diretamente relacionado ao leitor, a excelentes leitores.

Como foi descrito nos itens anteriores, os fãs se diferenciam de leitores comuns porque sua paixão por uma obra faz com que eles não se limitem aos seus formatos originais. Na necessidade de manter a história e os personagens vivos, eles transformam as narrativas, tornando-as infinitas. No entanto, isso não se dá sem regras. Uma comunidade de leitores, igualmente fãs, faz seus comentários e críticas. É nesse sentido que as *fanfictions* trazem contribuições que podem ser levadas à sala de aula, a fim de transformar um estado de apatia em relação ao estudo de literatura.

Consideramos que um trabalho de perspectiva transcultural com a literatura implica no reconhecimento da dinâmica que envolve os textos e suas diversas leituras. Dessa maneira, em oposição à necessidade de levar para a sala de aula os textos canônicos, historicamente sancionados, deve-se pensar a possibilidade de que os livros realmente lidos, aqueles que emocionaram por seus enredos e personagens, sejam objeto de discussão, preferencialmente do modo apaixonado como vemos nos *fandoms*. Nesse sentido, consideramos fundamental que haja um espaço para aquelas obras lidas por uma necessidade do coração, não da mente voltada ao cumprimento do programa semestral.

Talvez as linhas acima destoem do tom acadêmico esperado em um artigo científico, mas afinal de contas, quando falamos de literatura, não falamos também de paixão? Do nosso envolvimento mais profundo com um personagem? Ou, como coloca Todorov (2009, p. 33), daquilo que, ao permitir “compreender melhor o homem e o mundo”, traz uma beleza à existência que permite a compreensão de nós mesmos? Apesar de o encanto pelas narrativas ser aquilo que motiva as horas com um livro nas mãos e, por que não dizer, diante de um seriado ou de um filme de televisão, negligenciamos essa experiência em grande parte das práticas docentes, esperando ainda que os exercícios de pergunta/resposta sejam o caminho adequado para formar leitores autônomos no futuro. Assim, viramos os olhos para não ver, diariamente, aquilo que sabemos ser o papel da escola em relação à literatura: “A escola ensina a ler e a gostar de literatura; *Alguns* aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que *quase todos* aprendem é o que

devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente do seu verdadeiro gosto pessoal.” (ABREU, 2006, p. 19).

Os jovens nos *fandoms*, ao contrário do que pensamos a partir de uma concepção desinformada sobre a potencialidade da Internet, mostram caminhos menos burocráticos para o enfrentamento de textos literários. Com sua paixão e criatividade, eles materializam possibilidades para que se volte à literatura como objeto fundamental para o desenvolvimento subjetivo. Nesse sentido, melhor do que atividades voltadas para uma interpretação limitada, restrita, muitas vezes, a questões de múltipla escolha ou a respostas corretas do livro didático, os estudantes podem, segundo acreditamos, serem estimulados, em sala de aula, a uma prática que alguns deles têm no mundo virtual: a redação de novos relacionamentos para os personagens preferidos, continuações de narrativas etc.

Apenas com um conhecimento profundo de um determinado texto, é possível, de forma adequada, abrir novas possibilidades para uma narrativa que está, a princípio, restrita ao seu número de páginas original. A “avaliação” dessa atividade, por sua vez, apenas poderá ser realizada por um leitor experiente, grande conhecedor da obra e de outras que dialogam com ela. Nesse sentido, propomos que o trabalho do professor em sala de aula seja semelhante ao de um *beta-reader*, que interfira no texto do aluno não para extrair dali uma nota final, mas para estimulá-lo a produzir um texto melhor, que possa ser aprovado até mesmo pelo grupo exigente dos demais leitores que apreciam a obra.

Atividades que abordem o texto literário de maneira semelhante ao que se dá no *fandom* podem representar uma possibilidade de diálogo efetivo com a cultura jovem e, principalmente, de formação de adolescentes que permaneçam interessados por literatura quando já não forem mais obrigados ao seu estudo. Afinal, a leitura, após a conclusão da educação básica, ocorrerá (caso se mantenha viva para os estudantes) como um exercício de encantamento, que leva o leitor ao esforço de procurar ou pagar por uma obra. Isso não passa, de nenhuma forma, por exercícios de análise de trechos específicos ou de relação com o momento histórico. Caso tais atividades ocorram, elas se darão no rico e misterioso pensamento do leitor, o qual pode, caso sinta a necessidade de interlocução específica, recorrer ao espaço virtual, ponto de encontro de outros leitores apaixonados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo é marcado pelo novo e pelo velho, mudança e permanência. Afinal, se por um lado, a cultura jovem, especialmente com o advento da Internet, pode dar aos professores a sensação de que não mais “acompanham” a realidade de seus estudantes, por outro, como vimos no *fandom*, parte dessa cultura se estrutura em torno de conceitos que são conhecidos e valorados na própria escola: narrativa, leitura, compromisso e, por que não dizer, paixão pelo objeto. É essa relação ao mesmo tempo apaixonada e crítica que vemos, por exemplo, no comentário de uma fã ao ser questionada sobre a sensação de escrever em um *fandom*:

Sempre digo para aqueles que conversam comigo sobre o desenvolvimento emocional e da personalidade de suas personagens o seguinte: elas são criaturas independentes e apenas nos enganamos ao pensar que as controlamos. Há muito tempo atrás vi, li, ouvi, não sei ao certo, alguém dizer que as personagens vivem muito tempo dentro de seus autores até que se tornem livres. Eu acredito nisso. Acredito que, se criarmos uma personagem complexa, redonda, não plana, ela desenvolverá sua própria linha de personalidade, as coisas que será capaz ou não de realizar, suportar, acreditar, amar. Quando esse momento mágico chega, nada do que façamos – até mesmo infringir a morte a elas – mudará o que ela é e será. Dali por diante, mesmo depois da tua morte, alguém poderá conduzi-la com tal maestria que a personagem te transcenderá e será imortal. (SIQUEIRA, 2008, p. 54)

Com simplicidade e domínio do assunto, Lilith, a fã, demonstra conhecimento sofisticado sobre personagens, não porque simplesmente as compreende de um ponto de vista teórico, mas porque se aproxima delas numa estreita relação prática e emocional. Está materializado no comentário da jovem (assim como nas tantas *fanfics* guardadas em sites especializados) aquilo que tanto desejamos que ocorra nos estudantes quando expostos à literatura: conhecimento e envolvimento.

Quando pensamos em ensino de literatura não podemos negar o quanto ela concorre com outros objetos culturais e formas de narrativa. Nesse cenário, transculturalidade não é apenas um termo novo usado a que se recorre como marca de sofisticação discursiva, é palavra de ordem, que busca dar sentido à nossa realidade. Para que o ensino de literatura atinja o ideal de humanização que por

tanto tempo a norteou, a transformação em suas práticas é urgente. Talvez os jovens estejam apresentando possibilidades para isso. Ou melhor dito: os fãs já estão construindo caminhos. Talvez, então, eles sejam um exemplo daquilo que devemos esperar encontrar nos leitores escolares: sejam estudantes, sejam professores.

Referências

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.

ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. "Como ser feliz no meio de anglicismos: processos transglóssicos e transculturais". **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 47, n. 2, p. 323-340, 2008.

CEREJA, William Roberto. **Uma proposta dialógica de ensino de literatura no ensino médio**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2004.

COPPA, Francesca. A Brief History of Media Fandom. In: HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina (Ed.). **Fan fiction and fan communities in the age of the Internet**. Londres: McFarland & Company, 2006.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de. Ensino de literatura: o que dizem as dissertações e teses recentes (2001-2010)? **DLCV**, v. 8, n. 2, João Pessoa, jul.-dez. 2011, p. 37-58.

DUBET, François. "uando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5, São Paulo, maio-ago. 1997

FANFICTION.NET. Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/>>. Acesso em: 3 jul. 2013.

FLORILICIOS BETA PROFILE. Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/beta/1418173/Florilicios>>. Acesso em: 3 jul. 2013.

HOUAISS. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JENKINS, Henry. **Textual poachers**: television fans & participatory culture. New York: Routledge, 1992.

_____. **Fans, bloggers, and gamers**: Exploring Participatory Culture. New York: New York University, 2006.

KASRPOVICH, Angelina I. The Audience as Editor: The Role of Beta Readers in Online Fan Fiction Communities. In: HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina (Ed.). **Fan fiction and fan communities in the age of the Internet**. Londres: McFarland & Company, 2006.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBEMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sebastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

NAMORADA, Amiga. Disponível em: <<http://stseiya-fanfics.livejournal.com/177239.html>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. **O professor de português e a literatura: relações entre formação, hábitos de leitura e práticas de ensino**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Faculdade de Educação, 2008.

SIQUEIRA, Márcio André Padrão de. **A desconstrução da *fanfiction*: resistência e mediação na cultura de massa**. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

